

Quando encontrei o Senhor? Quando tocou o Senhor o meu coração? E perguntamo-nos: somos ainda discípulos apaixonados pelo Senhor, procuramos o Senhor, ou instalámo-nos numa fé feita de hábitos? Moramos com Ele na oração, sabemos estar em silêncio com Ele? Sei estar em oração com o Senhor, estar em silêncio com Ele? E depois sentimos o desejo de partilhar, de proclamar esta beleza do encontro com o Senhor?

Papa Francisco, *Angelus*, 14 de janeiro de 2024



Boletim de Espiritualidade

1 FEVEREIRO 2024
Ano XI Nº 116

116



Agenda fevereiro 2024

- 2 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 2 **Alfândega da Fé** (Cerejais) – Congresso: *Implica-te* [🔗](#)
- 2 a 4 **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama I [🔗](#)
- 2 a 4 **Ávila** (CITeS) – O despertar da interioridade – Fernando Donaire [🔗](#)
- 3 **Montemor-o-Novo** (Foros de Vale Figueira) – Encontro: «*Longevidade, Solidão e Esperança*» [🔗](#)
- 3 e 4 **Colares** (Santo Inácio) – Fim de semana para noivos [🔗](#)
- 3 e 4 **Lisboa** (Turcifal) – Retiro para casais com mais 10 anos de matrimónio [🔗](#)
- 5 **Fátima** (Santuário) – *Recolecção* – Irmã Célia Faria, RMI [🔗](#)
- 5 **Online** (IDFC) – *Sinodalidade. Moda ou Identidade?* [🔗](#)
- 5 e 6 **Braga** (Casa de Soutelo) – Meeting de religiosos e religiosas de inspiração inaciana [🔗](#)
- 5 a 8 **Porto** (UCP) – Jornadas de Teologia 2024 – *O trabalho num mundo globalizado: novas configurações e novos desafios* [🔗](#)
- 5 a 9 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro para Sacerdotes – Joaquim Teixeira e Carmelo de S. José [🔗](#)
- 6 **Porto** (C. Cultura Católica) – *Escutar, o Verbo do cuidar* – José Nuno Silva [🔗](#)
- 6 **Lisboa** (UCP) – EMRC formação professores [🔗](#)
- 6 a 13 **Colares** (Santo Inácio) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 9 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 9 a 12 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 10 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus [🔗](#)
- 10 a 13 **Fátima** (Cent. Past. Paulo VI) – 39.º Encontro Nacional da Vida Consagrada [🔗](#)
- 12 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontros Bíblicos [🔗](#)
- 15 a 18 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 16 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 16 **Braga** (Casa de Soutelo) – Formação de animadores de movimentos e grupos, líderes e influencers cristãos [🔗](#)
- 16 a 18 **Braga** (Casa de Soutelo) – Rezar a Quaresma com Ety Hillesum [🔗](#)
- 16 e 18 **Colares** (Santo Inácio) – Relógio da família [🔗](#)
- 17 **Braga** (Carmo) – *Tardes com Deus* [🔗](#)

- 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Jovens adultos consagrados [🔗](#)
- 17 **Colares** (Santo Inácio) – Retiro de 1 dia [🔗](#)
- 19 **Online** (IDFC) – *Sinodalidade. Moda ou Identidade?* [🔗](#)
- 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – Catequese de Quaresma [🔗](#)
- 21 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 22 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 23 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 23 a 25 **Ávila** (CITeS) – Processo de desenvolvimento humano e espiritual a partir do Livro da Vida [🔗](#)
- 24 **Lisboa** (CCL) – «Faith's Night Out»: *É na Esperança que somos salvos* [🔗](#)
- 24 **Montemor-o-Novo** (Foros de Vale Figueira) – Encontro: «*Longevidade, Solidão e Esperança*» [🔗](#)
- 25 **Avevadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 26 **Online** (IDFC) – *Sinodalidade. Moda ou Identidade?* [🔗](#)

Agenda março 2024

- 1 a 3 **Avevadas** – Retiro de Quaresma do Carmelo Secular [🔗](#)
- 1 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 1 a 3 **Ávila** (CITeS) – Itinerário e experiência mística no âmbito da teoria U (Otto Scharmer) – Angélica Morales [🔗](#)
- 4 **Fátima** (Santuário) – *Recolecção* – P. Marcelo Cavalcante Moraes [🔗](#)
- 4 **Online** (IDFC) – *Sinodalidade. Moda ou Identidade?* [🔗](#)
- 8 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 8 a 10 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro da Escola de Oração – P. Joaquim Teixeira [🔗](#)
- 9 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus [🔗](#)
- 11 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontros Bíblicos [🔗](#)
- 15 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 16 **Braga** (Carmo) – *Encontros junto à fonte* (reflexão, diálogo e oração) [🔗](#)
- 18 **Online** – De Véspera com S. José [🔗](#)
- 22 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 22 a 24 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXVI Rumos – Encontro para jovens [🔗](#)
- 24 **Avevadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 28 a 30 **Fátima** (Domus Carmeli) – Tríduo Pascal [🔗](#)



Os salmos como oração cristã

Armindo Vaz, OCD

Os salmos foram a essência da oração de um povo, que, confiada ao Alto, elevava a terra até ao céu. Foram compostos para verbalizar um encontro com o divino. Neles, labirinto infinito, tudo é profundo, porque são conversação do ser humano com o divino. Muito lhes devem a glória e a glorificação de Deus: «Seja a minha oração como incenso na tua presença / e as minhas mãos erguidas, como a oferta da tarde» (Sl 141,2). Nessa oração intensa, arte de figurar o invisível com símbolos, metáforas e mais representações, o povo de Israel contemplava o presente e desenhava o futuro, assinalando o desejado e o essencial da vida. Os salmos exprimiram as melhores emoções da humanidade, que, também por via deles, dá a sensação de não ter falido. Serviram – depois de os terem descoberto – aos jovens sábios ou desencorçados, às virgens da vida ou aos ocupados com o relativo, aos perdidos no bosque das distrações ou aos que tinham enterrado a felicidade na perversidade. Servem agora aos que investem no capital das relações humanas, para as humanizarem mais.

Foi por exprimirem de variadas formas os sentimentos da alma humana diante de Deus que eles, depois de terem sido o livro da oração hebraica, se tornaram espontaneamente o livro da oração cristã. A colectânea dos 150 salmos, que une 150 vozes na voz una que identifica um povo, tornou-se o fio condutor orante que une todos os membros das Igrejas cristãs entre si e une a Igreja de Jesus ao povo de Israel que a gerou. Não admira, pois, que os salmos sejam o livro do Antigo Testamento mais comentado na Igreja e “o livro bíblico predilecto da Igreja” (S. TOMÁS DE AQUINO, *Super Epistolas S. Pauli*, 2, col. 2, e na Introdução do comentário aos Salmos). São “a voz da Esposa que fala ao Esposo” (VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, 84). Se bem mais de dois milénios separam os cristãos da composição dos últimos salmos, os cristãos podem continuar a reencontrar-se nos recantos secretos e na melodia infinita das suas vozes plurais. Tão importantes eram para os primeiros cristãos que S. Jerónimo, tradutor de toda a Bíblia para o latim no princípio do séc. V, fez três traduções dos salmos, a última das quais a partir de uma versão na língua original, hebraica. Para os cristãos, o saltério é a resposta ao evangelho e à narração da história da salvação. Já na assembleia judaica sinagagal à leitura de uma narrativa da *Torá* respondia em sequência a oração de um salmo. Assim faz também agora a primeira parte da liturgia eucarística cristã, em que à primeira leitura responde um salmo alinhado com o tema do trecho lido.

Orações que puseram o tempo em suspenso, os salmos foram voz que manteve desperta a noite com o canto monástico e inflamou o dia sem deixar apagar a chama da vida. A fé que eles reactivam põe em xeque a existência do nada depois da morte: «Tu não me abandonarás no mundo dos mortos, / não deixarás o teu fiel sofrer a corrupção... Deus é a minha herança para sempre» (Sl 16,10; 73,26). Hoje como ontem, a alma orante entrega-se à salmodia, nas noites do mundo, nas noites do espírito, na noite epocal que perpassa a vida da Igreja. E porque os salmos foram a linguagem que Jesus usou na sua oração, como foram a linguagem da oração de todo o povo bíblico, quem quiser conhecer o campo e



a qualidade da oração na Bíblia há-de rezá-los. Eles são, depois do próprio Jesus, a melhor escola de oração. Para chegarem a ensinar, querem ser rezados repetidamente, não só porque “é o exercício que faz o mestre”, mas também porque a sua recitação assídua descobre neles conteúdos novos. Repeti-los faz-nos sentir mais e melhor do que aquilo que sentíamos sem eles. Sendo sobretudo oração, adensam a interioridade e enriquecem a comunhão com a humanidade: “Senhor, quero anunciar o teu nome aos meus irmãos...; louvem todos o nome do Senhor” (Sl 22,23; 148,13).

Se todos os salmos nasceram num contexto histórico e social concreto, muitos deles foram escritos e rezados em situações dolorosas e dramáticas da história do povo de Deus e trazem impressas neles as cicatrizes da vida. Por isso, atendendo à situação de aperto em que vivemos hoje, situação aflitiva de guerras absurdas, devastadoras e assassinas, situação em que a fome ameaça pessoas inocentes, situação de angústia em que mais um passo em falso de governantes irresponsáveis nos pode atirar para um abismo sem retorno, as pessoas com menos de 75 anos não terão passado por um momento igual a este para rezar com os salmos de lamentação e de súplica, para exprimir uma dor análoga à dor sentida pelos salmistas. Eles brindaram a tantos orantes as palavras certas para rezarem, a tantos orantes que tinham ficado sem palavras diante de situações de sofrimento e de morte à vista, orantes para quem a recitação dos salmos foi uma forma de sobrevivência. Quando eles se soltaram do salmista pela recitação, aliviaram-no: “Clamei por ti, Senhor, meu Deus, e Tu curaste-me. / Do abismo da morte retiraste a minha alma, Senhor... / Converteste o meu pranto em dança... / Por isso, o meu ser cantar-te-á sem cessar; louvar-te-ei para sempre, Senhor, meu Deus” (Sl 30,3-4.12-13). Aliviaram-no. Agora podem curar outros orantes, como ressonâncias intensas da sua dor, transfigurada pelo amor com que Jesus a aceitou pela humanidade.

«Escuta, Israel!»

Seleção de textos bíblicos por Armindo Vaz, OCD

«Sião dizia: 'O SENHOR abandonou-me,
O meu Senhor esqueceu-se de mim'.

Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu
menino?

Esquecer-se-á de ter carinho pelo fruto das
suas entranhas?

Ainda que ela se esquecesse dele,
Eu não te esqueceria!

Fica a saber: Eu gravei-te na palma das minhas
mãos.

As tuas muralhas estão constantemente diante
de mim.

Os que te vão reconstruir andam mais rápidos
Do que os que te destroem;

Os que te devastam fogem de ti.

Levanta os olhos à tua volta e vê:

Todos se reúnem para ir ter contigo.

Juro pela minha vida! – diz o Senhor:

Todos serão para ti como um vestido precioso;

Tu vesti-los-ás como faria uma noiva.

As tuas ruínas, os teus lugares devastados

E o teu país saqueado

Serão desde agora demasiado estreitos para os
teus habitantes.

E afastar-se-ão para longe os que te devoravam.

Hás-de ouvir de novo aos filhos de que estavas privada:

'Este lugar é demasiado estreito para mim;

Chega-te para aí, para eu poder habitar'.

Pensarás então no teu coração:

'quem me deu à luz estres filhos?

Eu não podia ter filhos, era estéril;

Estes quem os fez crescer?

Estava desamparada e só;

Donde vieram estes?'

Assim disse Deus, o Senhor:

'Olha como Eu com a minha mão faço sinal às nações,

Levanto o meu estandarte para os povos:

Trarão os teus filhos ao colo



E as tuas filhas aos ombros.

Os seus reis serão os teus protectores

E as suas princesas, as tuas amas.

Prostrando-se diante de ti, de rosto por terra,
Lamberão o pó dos teus pés.

Então reconhecerás que Eu sou o Senhor

E que não serão confundidos os que esperam em mim...

Eu sempre defenderei a tua causa

E Eu próprio salvarei os teus filhos.

Farei comer aos teus opressores a sua própria carne.

Embrigar-se-ão do seu próprio sangue como de vinho
novo.

Então toda a gente saberá que Eu sou o Senhor,

teu salvador e teu redentor, o herói de Jacob» (Isaías
49,14-26).

2º Congresso
S. Teresinha do Menino Jesus
19-21 abril 2024

“No
Coração
da Igreja”

Santa Teresa do Menino Jesus
no magistério do Papa Francisco

CARDEAL D. ANTÓNIO MARTO

Contexto histórico-espiritual
do Século de Teresinha

DR. ALEXANDRE FREIRE DUARTE, UCP PORTO

A Palavra que desvenda mistérios

P. MANUEL REIS, OCD

A proposta do Pequeno Caminho

P. JOÃO REGO, OCD

O lugar de Teresinha na Igreja

P. RENATO PEREIRA, OCD

A espiritualidade eucarística
e mariana de Teresa de Lisieux

P. FRANÇOIS-MARIE LÉTHEL, OCD

OPÇÃO DE PARTICIPAÇÃO: Presencial | on-line

DOMUS CARMELI

Ordem dos Carmelitas Descalços
Rua Imaculado Coração de Maria, 17
2495-441 Fátima
Tel: (+351) 249 530 650
WhatsApp: (+351) 922 298 665
ww.domuscarmeli.net

Jornadas de Teologia 2024

Porto, 5 a 8 de fevereiro



“O trabalho num mundo globalizado: novas configurações e novos desafios”, é o tema das Jornadas de Teologia 2024 que a Faculdade de Teologia, em colaboração com a Diocese do Porto e a Irmandade dos Clérigos, está a organizar, entre os dias 5 e 8 de fevereiro de 2024. A atualidade do tema e a complexidade das questões a tratar pelos oradores será, certamente, uma oportunidade para interpelação e enriquecimento de todos os que puderem participar. [🔗](#)

Retiro online da quaresma

«Pela cruz à luz», com P. Tiago de Jesus (1900-1945)



Os Carmelitas Descalços estão a preparar um novo retiro *online* para oferecer a todos aqueles que já se habituaram a desfrutar destas meditações para melhor viverem a sua quaresma. O título será: «Pela Cruz à Luz», que expressa a fé profunda do P. Lucien Bunel, que se tornou P. Tiago de Jesus (1900-1945) quando entrou no Carmelo. Nascido a 29 de janeiro de 1900, numa família pobre e trabalhadora, o pequeno Lucien depressa se sente chamado a ser um «grande senhor padre». Os pobres descristianizados e as crianças entregues a si mesmas despertam e fortalecem a sua paixão de apóstolo e de educador. Alguns meses antes da sua ordenação diaconal, foi nomeado para o Colégio de São José de Havre onde conhece os Carmelitas. É ordenado sacerdote a 11 de julho de 1925. O retiro vai ser acompanhado por este homem de uma profunda espiritualidade enraizada no mistério pascal de Jesus: «Pela Cruz à Luz». [🔗](#)

Retiro de Quaresma

Avessadas, 1 a 3 de março de 2024



Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares em Portugal vai promover, no fim-de-semana de 1 a 3 de março, a realização de um retiro de Quaresma no Convento de Avessadas, Marco de Canaveses. Destina-se a todos quantos desejarem preparar, com momentos de silêncio e de oração mais intensa, a Paixão e Ressurreição do Senhor. Sob orientação do Padre André de Santa Maria (ocd), num ambiente de recolhimento que intercalará com breves meditações e propostas de reflexão, o retiro centrar-se-á na frase do livro de Isaías: “Vinde, Subamos ao monte do Senhor” (Isaías 2, 2-3). [🔗](#)

Uma trama divina

Antonio Spadaro



«Não há história sem trama» – diz o Papa Francisco no Prefácio. «Deus entrou na trama das vicissitudes humanas com uma história que pode ser contada: Jesus comove-se, aproxima-se, toca na dor e na morte e transforma-as em vida. Precisamos neste tempo de crise da ordem mundial, de guerra e de grandes polarizações, de paradigmas rígidos, de graves desafios a nível climático e económico precisamos da genialidade de uma linguagem nova, de histórias e imagens poderosas... de ver Jesus.» Antonio Spadaro escreve com palavras que se tornam imagens, que contam histórias. E nós leitores, fazemos parte da multidão, dos acontecimentos... Entramos na vida de Jesus e ele nas nossa. Sim, é um filme para ler.

Publicação: Paulinas editora [🔗](#)

claustrO

Que via Jesus nas crianças? É no palco da infância que, desde o primeiro momento, através dos sentidos, vislumbramos a criação de Deus e a beleza natural a partir desta essência espiritual denominada de inocência.

Aprendamos com as crianças com a ajuda de Daniel Henriques, escritor e filósofo. [🔗](#)

Um físico e um carmelita entram num bar... Conheça a história do Rui e do Manuel, amigos desde a faculdade, com uma paixão comum pela ciência como arte de compreender, e que partilhavam também uma certa fascinação pelo que, de uma forma muito abrangente, se pode classificar como “espiritual”. [🔗](#)

A estrela aponta o caminho! Num tempo de excesso de luz e de omnipresença dos écrans quem ainda sabe contar uma história? Ou melhor, quem neste tempo de vertigem tem tempo para escutar histórias? E se não as aprendem quem, no futuro, contará o encontro dos Magos com a família de Nazaré? Aventure-se nesta reflexão com Júlio Pereira. [🔗](#)





III JORNADAS

ESPIRITUALIDADE E LONGEVIDADE:

O DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

17, 18 e 19 de Maio 2024
Fátima

O Desenvolvimento Humano Integral e as Idades Tardias,
Alexandra d'Araújo | CIIS-UCP

Oração e Maturidade, P. Joaquim Teixeira | OCD

Além da Doença: Atendendo às Necessidades Espirituais dos Utentes, Helga Martins | CIIS-UCP
e Joana Romeiro | CIIS-UCP

Dignidade Humana e Cuidado Social: Que Desafios?
Isabel Santos | CEHR-UCP

A Sacramentalidade e o Itinerário da Vida Humana e Espiritual, P. Renato Pereira | OCD

A Misericórdia como Oportunidade,
Cristina Carvalho | CIEP-UCP

Workshop: A Gestão do Tempo Livre e o Lazer Sério,
Alexandra d'Araújo | CIIS-UCP

A longevidade com uma Bênção na Sagrada Escritura,
P. Armindo Vaz | OCD

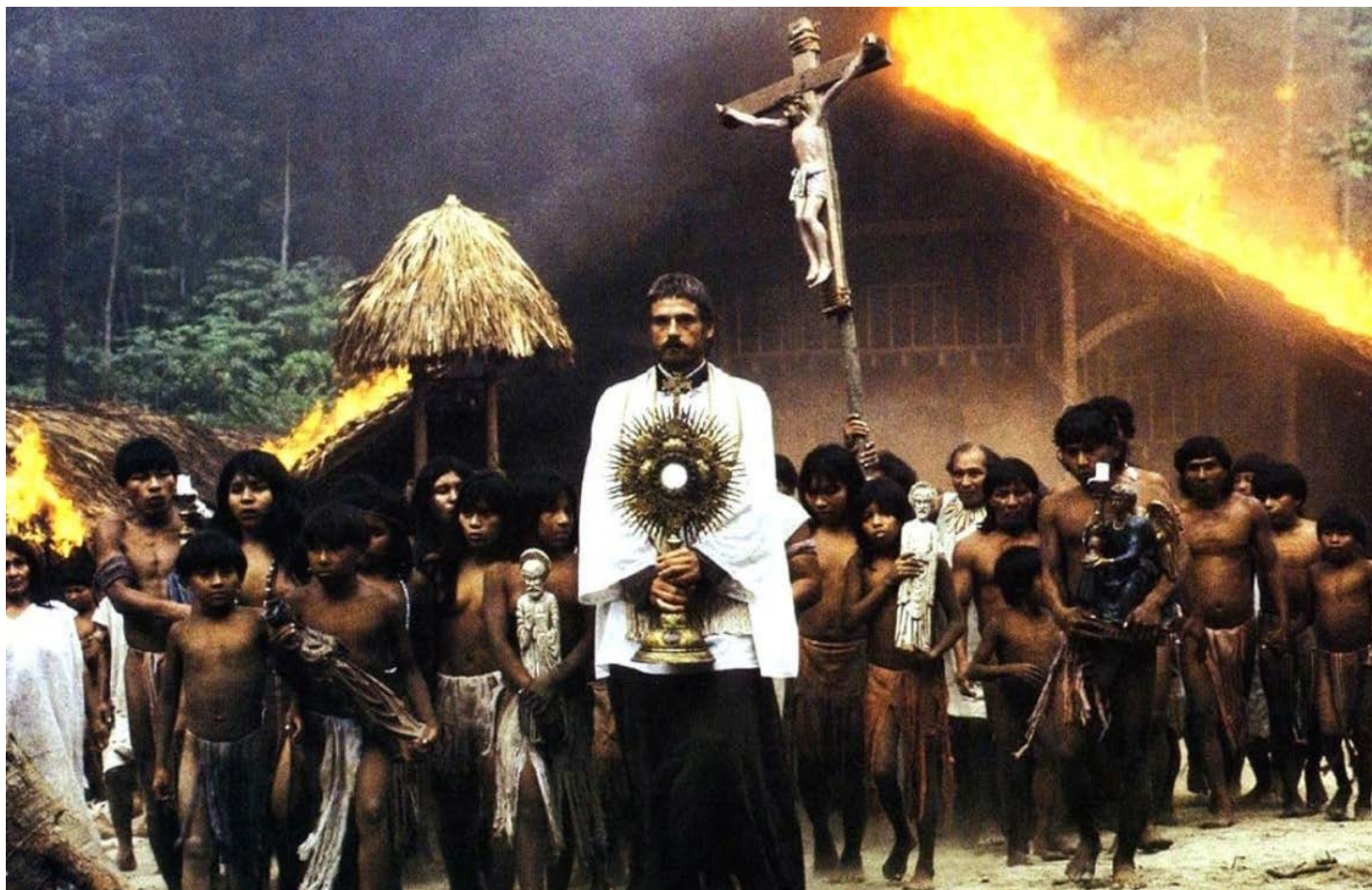
Domus Carmeli
R. Imaculado
Coração de Maria, 17
2495-441 Fátima

Contacto para inscrição:
pastoral@domuscarmeli.net
tel. 249 530 650
chamada para
rede fixa nacional

Valor da Inscrição: 30€

Se um cai, outro se levanta

Frei João Costa, OCD



1. O texto de Marcos 1:14-20 regista o início da missão de Jesus; diz-se ali: «*Depois de João [Baptista] ter sido preso, Jesus partiu para a Galileia e começou a proclamar o Evangelho de Deus*». Obviamente esta declaração tem mesmo de ser levada em conta, porque ainda hoje a regra entre nós é aquela que sucedeu na matriz: no cair de um, outro se levanta; pois quando tombou o arauto, a Palavra se ergueu para se fazer ouvir.

2. Sem querer desviar-me desta sinalização do Evangelho de Marcos dou um salto, assim ele me seja permitido. É que a queda de João – mandado encarcerar por Herodes, e logo depois decepado – e o pronto surgimento de Jesus que assim inicia a sua missão, fez-me lembrar o filme *A Missão* (Roland Joffé, 1986). Na verdade, talvez seja melhor recordar – mas nem deveria ser preciso, claro está! – que o filme se inspira naquela viragem de página evangélica: do fim da missão de João para o início da de Jesus.

Vamos ao filme.

Se bem me lembro *A Missão* passa-se na belíssima região da tribo dos Guaranis, cujas terras incluem as Cataratas do Iguaçu – algures na tripartida fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Os minutos iniciais do filme são simplesmente terríveis, e ao mesmo tempo, fortemente esperançadores. E são, talvez, a melhor síntese da caminhada da fé cristã pelos séculos fora, seja qual seja a cultura, a conjuntura ou a latitude. Aos poucos segundos, por entre a folhagem de grandes plantas, percebemos um europeu em tronco nu, atado e serenamente deitado numa cruz de pau, apressadamente transportada por

uma infanda chusma de índios, floresta fora. Ao chegarem ao termo daquela arremessam-na – e ao homem, um missionário jesuíta sabê-lo-emos depois!... – a um lago sereno. Veremos, depois, a cruz descendo, primeiro, suavemente, depois, vertiginosamente, os rápidos de um braço de rio, que mais se acelera até cair pelas cataratas e o missionário morrer mártir.

(Se não tivéssemos mais informação sobre o filme, bastaria aquele punhado de segundos para mergulharmos a fundo na história que ele nos quer contar.)

Depois da tragédia, irromperá a esperança. Aquela, porém, não é apenas tragédia, é emulação do martírio de Jesus, razão pela qual dali brotará uma fonte de vida... Isto é, tão pronto a cruz se precipita na cascata, logo-logo avistamos três homens, também eles missionários, subindo a custo uma colina; e à medida que mais sobem, mais crescem, e naquele mais crescer percebemos que estão a chegar ao sagrado local do martírio do primeiro, e que um deles vem para substituir o mártir. E é aqui que eu digo que o filme se inspira naquela passagem de Marcos que nos informa que, tendo caído João, Jesus discerniu ter chegado a hora de começar e começou o seu trabalho.

(Só mais uma chamada de atenção para outro contraste, entretanto, ali evidenciado: um missionário cai, outro sobe; ora, e mais: se a cruz cai em vertigem cataratas abaixo, o novo missionário que se ergue, e advém, trepa mui dificultosamente e arriscadíssimamente a altíssima parede da catarata levando-o à presença dos mesmos índios que, ocultos na vegetação, o recebem... com setas apontadas ao coração!)

3. É preciso ter-se no coração uma dura pedra surda e cega para não se chorar com o filme. Aliás, ainda hoje me surpreende aquele início que em poucos segundos nos sumariza o andar da história da nossa fé: cai João, ergue-se Jesus. Cai Jesus, caminham os Apóstolos. Caem os Apóstolos um a um, seguem-se os primeiros cristãos. E depois destes, uma segunda geração. E depois desta, outra, e uma outra, e outra até nós. Morre um santo aqui, algum nascerá do outro lado da montanha. Soçobra um modo de evangelizar, outro arrebita. Calam aqui uma voz, além irrompe outro arauto. Rompem-se uns odres, algures outros se cosem. Cai um missionário, outro se alevanta. E assim, sucessivamente, repetidamente, até ao fim da história. Sem parar.

4. Volto ao filme: e não é que aquele segundo missionário, indómito e corajoso, vem para o lugar onde morrera o primeiro?! E não é que o jovem jesuíta vindo do longínquo continente europeu, se apressa a subir o Iguaçu – que fica noutra região, noutra cultura, e com outras tradições – para se entregar de coração aos mesmos pobres índios que lhe haviam matado o *irmão*?! E não vimos nós que, logo-logo, tudo ele faz e fez para ser por aqueles bem acolhido – e foi! – ao ponto de chegar a ser quem os defenderá dos iníquos exploradores europeus que, prontamente, lhes invadem os territórios para os tragar? (E já agora, eis a pergunta que vale o prémio para o milhão: o que move ou faz, senão o amor, com que o segundo substitua o primeiro missionário? Como compreender que, em qualquer tempo ou era, em qualquer região ou cultura, alguém arrisque a própria vida, se não fôr por amor – aliás, do mesmo modo que Jesus fez?)

5. Amor, amor até ao fim, até dar a pele, até ao sangue totalmente entregue – tal é a marca da Igreja de Jesus. Marca de ontem e marca de hoje, que ainda hoje e sempre, ela será nossa, a ponto de jamais a dispensarmos ou deixarmos que no-la tirem. E enquanto nalgum coração houver um amor assim, haverá eternidade, haverá Igreja, porque o Reino de Deus não susterá a marcha, visto não poder jamais parar, porque o amor sempre está a caminho; e se não é de uma forma, é de outra. Se não aqui, ali.

Sim, tal como Jesus nos prometeu, o Reino de Deus prolongar-se-á nos seus discípulos, geração em pós geração. É por isso que enquanto houver amor, haverá Igreja, haverá pés afeitos às pedras do caminho, corações a sofrer e a amar, bocas ardentes no falar e no testemunhar, mãos a abençoar. Sim, haverá Igreja até ao fim dos tempos; e se não fôr aqui será além; e se não fôr além, será ainda mais além – assim sempre foi, assim tem sido, e assim será. De facto, nos dois mil anos da nossa trilha, lugares houve ao longo da história em que a fé cristã foi outrora pujante e incandescente, e hoje é ali tão residual como uma sementinha: no Norte de África, por exemplo, e na Turquia (foi, aliás, em Antiakia – outrora, a florescente Antioquia – que os discípulos de Jesus receberam, pela primeira vez, o nome de *cristãos*, e já ninguém lá mora!), e na mesma Terra de Jesus. Sim, o Cristianismo pode morrer aqui, aqui mesmo, nesta terra que nós hoje amamos, pisamos e nos medra. Mas que morra aqui não quer dizer que não desponte e floresça acolá, visto que Jesus prometeu que ficaria connosco até ao

fim, e ficará. E está. E continuará a chamar corações para que se alevantem e vão em nome Dele.

6. Como sei que assim será? Como é que não tenho dúvidas? – Sei que assim será, sei que a Igreja é eterna, porque além de humana ela é também divina! Fora ela unicamente humana e soçobriria como o barro desfeito em pó, ou cairia, tal como no fim do verão cai o altaneiro pendão do milho. Fora ela unicamente composta de homens e mulheres, e acabaria naturalmente soçobrando, ou vítima dela própria (o mais certo!), ou indiferenças, ou das tiranias e crueldades em que a história é repetidamente engenhosa e fértil. Mas não, ela mantém-se e manter-se-á, preferencialmente, se pequenina e humilde, mui apesar dos seus inimigos que, frequentemente, estão medrando mais dentro dela própria que lá fora!

Sim, o garante da perenidade da Igreja não são os sínodos, nem os santos, nem a abundância de vocações, nem os belos textos do magistério, nem tampouco a esperança de um futuro mais fiel, mas o fermento do Deus Vivo que está connosco apesar das nossas debilidades e fragilidades, das nossas torpezas, infidelidades e pecados.

Diz-se coloquialmente que cada geração é como cada qual; que nenhuma repete a anterior, nem é igual à seguinte. O certo é que cada uma recebe o testemunho da anterior, com a responsabilidade de o entregar aceso à seguinte. Custe o que custar, haveremos de o entregar aceso, sim! A tal movimento não poderemos jamais renunciar – porém, dentro de duas ou três décadas, haverá fé aqui, onde agora vivo e rezo?

7. Volto, por fim, ao fim do filme, que encerra com o martírio do segundo missionário: irados e raivosos contra o humanismo e a fé flamejantes na missão, circundam-na os feros conquistadores europeus e acabam incendiando-a apesar da legítima, mas inglória defesa que os Guaranis, entretanto, empreendem. Nada deterá os cristianíssimos europeus, se não a redução a cinzas da missão! Mas eis senão quando o segundo missionário que, como vimos, também cairá, enfrenta os ignóbeis conquistadores. Saindo da missão ao encontro dos arcabuzes, vem rodeado de crianças mansas e mulheres índias com meninos de peito. Nas mãos porta mansamente uma custódia sagrada com o Santíssimo Sacramento. E assim caminham juntos para o martírio que, óbvio, sucederá, sob uma rude saraivada de fogo dos rifles europeus. Logo muitos meninos e mulheres tombam à sua volta, até que também ele cai com uma bala no peito. E por sua vez, cai-lhe a custódia aos pés, pelo que também Cristo morde o pó! Porém, quando tudo parece perdido naquele inglório abatimento, quando a humilhação de Cristo parece definitivamente consumada, eis que, sem medo, uma mulher guarani se agacha, toma a custódia em suas mãos jovens e, alevantando-se, segue em frente, emulando o gesto manso do missionário!

Sim, sim, tinha acabado de cair um manso portador de Cristo, mas prontamente outro – no caso, outra – se alevantara, porque o Reino de Deus não pode parar mesmo quando pareça que cai o último dos seus fiéis servos.

(NÓTULA FINAL: Desde o início do filme todos sabemos que ele se constrói sobre factos reais.)